

ISSN 1676-8965
RBSE 6 (17): 606-613
Agosto de 2007
RESENHA

A Imagem e o Humano

AUMONT, Jacques. A IMAGEM. Campinas, SP; Papirus Editora, 1993.

A imagem seria o objeto do visual por excelência ou a imagem visual seria uma *modalidade particular* do universo da imagem?

A IMAGEM, livro de Jacques Aumont, tem como prerrogativa a análise da imagem visual em sua multiplicidade de estruturas que vão desde o processo fisiológico do olho na percepção visual, *mecânica* da luz, até aos processos psíquicos e sociológicos relacionados ao olhar e as representações *estéticas* da imagem ao longo da história. Nessa ótica será contemplada a relação entre a imagem e o *ser* enquanto uma estrutura social dentro do plano espaço – tempo. As imagens pictóricas foram às escolhidas para uma análise *especial* por representarem objetos construídos por um *olhar* humano a partir de dispositivos, no qual o cinema, a fotografia e a pintura são alguns exemplos. Ao longo da discussão cinco elementos dispostos em problemáticas e estruturados em cinco capítulos serão analisados – “1. O que é ver uma imagem? 2. O que *olha* a imagem? Qual espectador ela

supõem? 3. Qual o *dispositivo* que rege a relação do espectador com a imagem? 4. Como a imagem representa o mundo real? Como ela produz as significações? 5. Quais os critérios que nos levam a considerar algumas dessas imagens como *artísticas*, como pertencentes à esfera social da arte?”.

A primeira parte da *Obra* abordará os aspectos mecânicos da luz em sua relação com o sistema visual, enquanto sistema fisiológico que concerne a processos biológicos e químicos, delineando a inter-relação destes com o espaço e o tempo no que concerne à apropriação da imagem através dos processos físicos e orgânicos, vislumbrando as potencialidades contidas na visão. O *olho* é abordado a partir de seus aspectos internos em relação com os processos externos. Nessa perspectiva o processo de percepção procederá através da luminosidade (mecânica da luz) em interação com os mecanismos fisiológicos na construção da imagem de um objeto existente empiricamente independente da visão. Assim esse objeto seria uma característica externa da imagem, porém não é o elemento determinante, pois a imagem só existiria nesse processo de interação de várias partes.

Há duas grandes linhas de análise da *percepção*; a abordagem sintética que aponta para um todo não analisável contido na projeção retiniana trazendo sua abordagem para um campo da ecologia. No qual o papel da percepção visual seria *extrair informações*, a abordagem analítica aponta para um esquema de invariância onde uma perspectiva construtivista se colocará enquanto modo de análise. O papel da percepção nesse caso estaria atado à interpretação. Essa perspectiva combina elementos visuais com não visuais. Jacques Aumont fará em partes posteriores a relação entre o olho e olhar em seus múltiplos elementos.

As segunda e terceira partes abordam respectivamente o espectador e os dispositivos.

No sujeito encontra-se o espectador que congrega a capacidade perceptiva da imagem. Esse é dotado de múltiplas esferas que implementam suas representações do mundo, onde o olhar está relacionado aos processos históricos, culturais, orgânicos, espaciais e psíquicas. A imagem em relação ao indivíduo, segundo Aumont, não existe gratuitamente, estando

referenciado ao uso. Essa imagem em vínculo com o real estar estruturada ao valor de representação, valor simbólico e valor de signo, na qual engendram o uso da imagem em sua capacidade latente de “estabelecer uma relação com o mundo”. Nessa relação há três níveis; um simbólico, epistêmico e estético. No nível do simbólico, com o elemento estruturador dos outros dois níveis, se delineiam os processos de reconhecimento e rememoração responsáveis pela função do raciocínio e da memória. Em linhas gerais Jacques Aumont trabalha *a construção do espectador pela imagem e a construção da imagem pelo espectador*. Nessa perspectiva as estruturas como o imaginário, as emoções, a base sociocultural, o real, o saber, o tempo, o espaço, dentre outros, são relacionadas nessa construção de dupla esfera. Duas abordagens são implementadas para análise; a *gestaltista* baseada nas idéias de Arheim e a segunda *gerativa*. A primeira se ampara em leis inatas, vislumbrando o subjetivo na relação espectador e imagem. Essa concebe a relação a partir de premissas indutivistas atada a estruturas mentais. A segunda abordagem trabalha a relação a partir da internalização da imagem a partir da linguagem vislumbrando modelos globais. Assim Aumont engendra uma análise pautada em diversas perspectivas se voltando a uma concepção de uma antropologia das relações da imagem e do Humano.

A concepção de dispositivo remete a uma esfera das determinações sociais, sendo esse os meios, as técnicas de produção, circulação e reprodução onde os lugares e suportes servem para a difusão da imagem. Três aspectos foram contemplados de análise; a dimensão espacial do dispositivo, a dimensão temporal e a relação entre dispositivo, técnica e ideologia.

Na primeira o espaço é tido como elemento do qual olhar entra em contato com a imagem. Esse espaço remete as esferas do plástico, do espectador, abstrato e concreto.

O tipo de organização destes influenciará num modo de visão relacionado ao tamanho, ao suporte e a modo estático e movimento da imagem. Outro elemento que se congrega é o *enquadramento* existe em oposição ao desequadramento, que será influenciado pela relação olhar, visão, suporte e imagem em sua existência sobre uma superfície relacionada à profundidade.

Essa relação espacial esta interligada a temporalidade. Essa conotada ao elemento histórico e a duração a temporalidade da percepção, o tempo subjetivo, o tempo do espectador a sensação de tempo que ela transmite. A fotografia, o cinema e a pintura têm sua representação de temporalidade atados as suas estruturas internas em relação com o tempo do espectador e o tempo social dado pela história. A técnica estar ligada aos meios de manipulação das imagens em seus dispositivos se referenciando a uma ideologia constituída historicamente em espaços. Essa ideologia remete a sistemas simbólicos que se transformam ao longo do tempo entre grupos e indivíduos sociais.

Para Aumont *o estudo do dispositivo é obrigatoriamente estudo histórico*, pois esse se transformou ao longo do tempo sendo diretamente influenciado por sistemas simbólicos, por relações sociais e de produção, a técnica e a manipulação ideológica atada a uma concepção humana artística e social.

As quarta e quinta partes tratam respectivamente da *imagem da arte*.

A *imagem só existe para ser vista*, assim sendo, o processo imagético é uma relação orgânica que se constrói historicamente. A analogia, o espaço representado, o tempo representado e a significação na imagem são os quatro elementos principais analisados na estrutura da imagem.

A imagem visual está atada a *analogias* suscitando uma problemática ligada à semelhança entre imagem e realidade. Segundo Aumont, as imagens analógicas se pautam em construções que misturam *em proporções variáveis imitação de semelhança natural e produção de signos comunicáveis socialmente*. A mimese é um bom exemplo.

A imagem movimento e a estática em sua relação interna e externa com o tempo, na qual nem todas são dotadas de um tempo interno (duração). Nessa perspectiva a montagem, o tipo de narrativa, a seqüência, a montagem e a bricolagem, organizam uma temporalidade da imagem inter-relacionada á um tempo social, o instante como algo subjetivo não atado a concepções mecânicas de tempo, mas ligada à percepção e psique, e á um tempo histórico.

No processo de significação da imagem o uso de índices de referência e as projeções sociais simbólicas dos grupos

reapropriada pelo indivíduo em relação com as formas de narrativa no cinema, fotografia, pintura e vídeo delineiam a percepção em sua orientação do olhar. Assim a construção de significação implementa a percepção por uma construção histórica do olhar que se relaciona a leis inatas do sistema visual. Desse modo, para Aumont não existiram construções inatas da imagem, mas sim uma relação entre um processo construtivista histórico que se orienta não por uma ação racional planejada dotada de intenção, mas por contingências que delineiam encontros históricos, em inter-relação direta com os processos fisiológicos e psíquicos do humano.

A imagem enquanto arte é pensada em sua relação com os grupos e os indivíduos, salientado como uma construção de *maior* caráter inventivo. As imagens abstratas, expressivas e auráticas são os pontos-chaves dessa esfera. No lastro dessa análise Aumont propõe um questionamento de base universal – *A imagem: uma civilização?*

A imagem abstrata estaria ligada à idéia de não representação. Essa estabelece a perda de uma referência direta à realidade. Assim a *representação* perdera seu espaço enquanto valor universal da imagem. A idéia de representação remete a referências que mostram o mundo. A perspectiva de não representação na arte abstrata está ligada a o ideal de imagem pura, proposto e ao instante visto. A estética abstrata trabalha representação, categoria do pensamento e conhecimento, enquanto valor artístico se desligando de seu caráter empírico na relação indivíduo – imagem. Segundo Aumont, ao mobilizar categorias do conhecimento e idéias e transmitir uma perspectiva de arte, a imagem abstrata se coloca como uma imagem representativa. Isso é, a imagem se constitui na relação Homem – Imagem, mobilizadora de múltiplas referências, por exemplo, as cores não só em relação as suas tonalidades mais suas relação com o imaginário em um processo de sinestesia – cores quentes e frias. Nessa perspectiva Aumont concebe a representação como uma estrutura universal da relação, uma premissa da constituição da imagem visual.

As imagens expressivas, segundo Aumont, são vinculadas a duas problemáticas históricas, o que exprime a obra expressiva e qual é sua noção de expressividade. Essas remetem a

um desejo de autonomização, a vida das formas. A expressão estaria ligada ao modo como essa se relaciona com o espectador em suas possibilidades de comunicação em referência a uma estética tida socialmente como expressiva ressaltando essa como um valor artístico em relação com o Humano.

As imagens auráticas remetem à problemática sobre o que é obra de arte? Esse questionamento se vincula a perspectivas diferentes que vão da constituição da imagem por parte da sensibilidade do indivíduo artista, do objeto socialmente aceito como tal até a *vida das formas*. Em uma tentativa de esclarecimento da idéia de *aura* atem-se a perspectiva de Benjamin e a relação entre obra de arte e reprodutibilidade técnica. O avanço da técnica é projetado em relação à capacidade de reprodução numérica da obra.

A *aura* seria a capacidade de singularidade da obra em potencializar suas características como únicas, em sua relação direta com o espectador, emitindo vibrações particulares, jamais podendo se tornar comum. A perda da aura remete a esse processo de se torna comum, imputado pela era da reprodutibilidade técnica que retira da relação sujeito – arte esse instante, vibrações, particular de contemplação, expressão e experiência singular entre obra e espectador.

A obra de arte esta relacionada à aura, segundo Aumont, em sua existência, que só se possibilita na relação histórica entre o Homem e Arte.

Jacques Aumont conclui, por fim, que a imagem é mais uma linguagem dentre várias que constroem a civilização. Deste modo, apesar da reprodução intensiva da imagem visual na contemporaneidade, a Imagem possui a ascendência em relação às outras, por motivos estruturais e históricos, porém, essa elevação não confere o poder de *determinação* do caráter de uma época.

No dicionário digital Wikipédia, <http://www.wikipedia.org/wiki/imagem>, o termo imagem provém “(...) (do latim *imago*) significa representação visual de um objecto. Em grego antigo corresponde ao termo *eidos*, raiz etimológica do termo *idea* ou *eidea*, cujo conceito foi desenvolvido por Platão. À teoria de Platão, o idealismo, considerava a *ideia* (ou *idéia*) da coisa, a sua *imagem*, como

sendo uma projecção da mente. Aristóteles, pelo contrário, considerava a imagem como sendo uma aquisição pelos sentidos, a representação mental de um objecto / objeto real (...).

A imagem, segundo Jacques Aumont, é uma pluralidade na qual a sua forma visível é uma *modalidade particular*. Nessa perspectiva a imagem enquanto *objeto real* e categoria analítica relacionada ao espaço – tempo é entendida como elemento que se dirige a uma *multiplicidade de sentidos*, desse modo há imagens que se referencia aos sentidos, ao intelecto e o usa da metáfora pode conotar a imagens lingüísticas. Assim ao delinear a *imagem* como um elemento eminentemente visual referenciado a um processo atemporal, por parte da primeira definição aqui citada, essa delinea uma determinação. A segunda perspectiva então coloca a pluralidade das imagens a partir de uma construção temporal em relação aos espaços, salientado uma relação pautada na troca onde o individuo atua na construção da imagem, na qual essa é detentora de características internas que se colocam em interdependência com o *sujeito*. Assim na inter-relação entre imagem e memória, o individuo é auxiliado, de modo inconsciente e através de outros mecanismos da memória, do que Jacques Aumont denomina de índices de referência delineando assim características externas da imagem dada através de uma construção temporal e espacial atados a historia dos indivíduos e dos grupos sociais. Em suas características internas constaram os *dispositivos* produzidos na veiculação e a perspectiva de representação, por exemplo, que as imagens pictóricas que atravessam o tempo ou não. É ressaltado que essas características internas e externas não se fazem por oposição, mais por uma relação de interpenetração conotada a outros elementos das esferas das relações sociais. Assim a imagem no plano visual não se coloca numa relação simples de assimilação pelo sujeito e nem tão pouco se projeta desse sujeito a partir de um mundo atemporal na qual essa seria um simples processo mimético, esse entendido como a realização da cópia da cópia.

Salienta-se que a imagem faz parte do cotidiano da sociedade, onde mesma as imagens pictóricas com o advento da modernidade se tornaram comum ao dia-a-dia de muitos indivíduos e grupos sociais. Assim para Aumont a Imagem visual

só existe na relação sujeito – imagem, portadora de um espectador, em plano histórico no qual o olhar se constituíra a partir de estruturas da realidade. Desse modo a relação imagem visual e espectador têm seu palco de existência na história universal do Humano.

Átila Andrade de Carvalho

Estudante de Ciências Sociais da UFPB e Estagiário
voluntário do GREI – Grupo Interdisciplinar de Estudos da
Imagem da mesma universidade.